

O passado: além de pedra e cal

Natal, cidade quatrocentona, nascida no contexto da União Ibérica, sobre as ordens de Felipe II. Fundada pelos colonizadores no dia 25 de dezembro de 1599, no alto onde hoje é a praça André de Albuquerque. Nasceu cidade, sem passar pelo estágio de vila, por muito tempo conviveu com o trocadilho: “ cidade do Natal, não-há-tal. Palco do encontro de civilizações: a portuguesa, a holandesa, a francesa e a africana com os índios potiguaras. A cidade, com o testemunho do Potengi, transformou-se a partir da ação deste núcleo formador no, hoje, povo natalense.

Como conhecer então o passado desta cidade?

Podemos iniciar pelo Patrimônio de “pedra e cal”, procurando na nossa arquitetura, sinais da ocupação e evolução deste chão chamado Natal. Encontramos diversos significados, representados em edificações antigas e novas, como o Forte dos Reis Magos e a Ponte de Todos Newton Navarro. Ao olhar nossa história através destes monumentos descobrimos, entre pedra e cal, muito do contexto histórico em que essas edificações foram inseridas.

Mas a história de uma cidade vai além da sua arquitetura, sua alma está em seus becos, vielas e ruas, ou melhor dizendo, seu espírito está em sua gente, seu povo, homens e mulheres, construtores sociais. Como nos ensina o poeta Ferreira Gullar: “...a história está nas esquinas, ruas, quintais, ...” no cotidiano. É então o fazer e agir de homens e mulheres que constrói a urbe, seu traçado tem a digital de seus habitantes. Neste sentido, é fundamental, não olharmos a Cidade do Natal apenas através dos seus monumentos, busquemos o corriqueiro, o pequeno gesto, que faz o cidadão ter o sentido de pertença à humanidade.

Como exemplo lembremos das figuras populares, pessoas com características bem peculiares, trazendo no seu jeito de interagir com o mundo um pouco da sociedade e seus costumes em determinadas épocas. Um destes personagens é Béiete. Conheci Béiete quando em um dos sebos da cidade encontrei o livro de João Amorim Guimarães, *Natal do meu tempo*, edição organizada pelo professor Humberto Hermenegildo. Béiete, nas palavras de Guimarães, “era um camarada meio amalucado, imbecilizado, que vivia a implorar a caridade pública...”. A Natal de 1920, época de Béiete, tinha no seu calendário festivo o dia 3 de maio como dia da Santa Cruz da Bica, festa popular que surgiu a margem da igreja católica e aos poucos transformou-se num dos maiores eventos católicos da natal do início século passado.

Pois bem, vejam a astúcia deste personagem, Béiete sabia da existência de um “cofre” na pracinha da Santa Cruz da Bica, onde os fiéis depositavam seus donativos. O “cofre” estava sempre cheio, esperando a hora dos encarregados recolherem as contribuições dos devotos. Béiete como um gênio resolveu jogar baralho com a Santa, pois não suportava mais a vida de pedinte e como cristão tinha de ganhar seu sustento de forma honesta. Nos relata Guimarães, que por muito tempo o “imbecilizado” Béiete ia todos os dias a pracinha da Santa Cruz da Bica e lá chegando logo dizia:

- Bom dia, minha Divina Santa Cruz.
- Bom dia Béiete – Respondia ele com a voz mudada.
- Minha Divina, eu tenho um baralho, vamos jogar uma biscazinha?...
- Vamos Béiete. Eu até gosto de um joguinho.

A Santa, coitada, não ganhava uma partida pelo amor de Deus. Béiete era só alegria, embolsando todo o dinheiro doado a Santa. Quando foi pego em flagrante, saiu com esta perola:

- Ora... se ela era quem me chamava pra jogar. Ela perde porque é caipora...

Pois é olhemos, a história além da pedra e cal.

Quantos Béietes não fazem parte da história de Natal?

Fonte: GUIMARÃES, João Amorim. **Natal do meu tempo**: crônica da cidade do Natal. Natal: FIERN-SESI, 1999. (Organização, introdução e notas: Humberto Hermenegildo de Araújo).

Luciano Fábio Dantas Capistrano –

Historiador/SEMURB

Professor/Esc.Est. Myriam Coeli